

H DELICIOSA ERANÇA

Vera Abad

DELICIOSA HERANÇA

Vera Abad



prazerdeler editora

copyright© 2002 Vera Abad

Produção Vera Abad

ISBN nº 85-89033-02-3

Revisão Rosimere Manzani

Revisão Alemão Ingrid Fernandes

Capa, diagramação e arte final Fátima de Sá

Capa: Piquenique no Parque Cremerie 1897

Contra capa: Vista da cidade, Rua Dr. Porciúncula

1ª Edição 2002

Todos os direitos reservados pela

Prazerdeler Editora

Rua Mal. Deodoro 79, 1004

Centro Petrópolis RJ

25650 150

Tel/fax (xx24) 2243 8085

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da editora.



DELICIOSA HERANÇA

**O Histórico Legado
dos Colonos Alemães
de Petrópolis**



Introdução

O dia 29 de junho é dia de festa em Petrópolis. Comemora-se a chegada dos primeiros colonos alemães que aqui vieram ter para trabalhar na construção da cidade.

Não eram os primeiros alemães a chegar ao Brasil como imigrantes. Não eram, nem mesmo, os primeiros a se estabelecerem na região. No entanto, a idéia de criar uma colônia alemã ao lado de uma Vila-Palácio nas terras da Imperial Fazenda do Córrego Seco, fixando estas famílias no local, determinou o perfil de seus futuros habitantes e marcou indelevelmente o desenvolvimento da cidade que veio a se chamar Petrópolis.

Esch, Klippel, Sutter, Nicolai, Schanuel são sobrenomes destes imigrantes pioneiros que sobrevivem até hoje em seus inúmeros descendentes e que, juntamente com muitos outros alemães, vindos no mesmo ano ou em outras ocasiões, nos deixaram uma herança de trabalho escrupuloso e de determinação, além de uma alegre tradição musical e gastronômica.

Deliciosa herança!

adams.alfeld.andreas.arweiler.auler.bach.balter.barten.bauer.bauermann.baumgatner.bechtluft.beck.becker.behrens.benichel.bender.



Um pouco de história

Famílias alemãs chegaram a Petrópolis, na verdade, em diferentes ocasiões e por diferentes motivos.

A imigração alemã para o Brasil, de forma planejada, teve início nas primeiras décadas do sec. XIX. Eram colonos contratados para o trabalho nas lavouras do sul do país e também militares arregimentados como oficiais instrutores na época da independência. Os primeiros terminaram por fundar comunidades prósperas que deram origem a cidades como Blumenau e Joinville. Quanto aos militares, embora insatisfeitos com promessas não cumpridas, muitos continuaram no Rio de Janeiro onde se estabeleceram por conta própria ou passaram a exercer atividades no governo. Dentre estes, por sua capacidade e boas relações, o Major Julio Frederico Koeler, do Imperial Corpo de Engenheiros, foi encarregado pelo governo provincial do Rio de Janeiro das obras de alargamento e melhoria na estrada da Serra da Estrela.

Em 1837, iam os trabalhos na estrada em moroso andamento, quando aportou no Rio de Janeiro o navio Justine, que levava colonos alemães com destino a Sidney, Austrália. Estavam revoltados com o passadio e muitos não queria prosseguir viagem. Por interferência de Koeler, foram empregados pela Província e postos a seu serviço. Ao terminarem as obras, muitos se fixaram

berlandi.berr.beuren.bihel.blaeser.blaesius.blankenberger.blatt.blum.boelling.boller.bonacker.borchtelmann.borré.brahm.brand.braun.

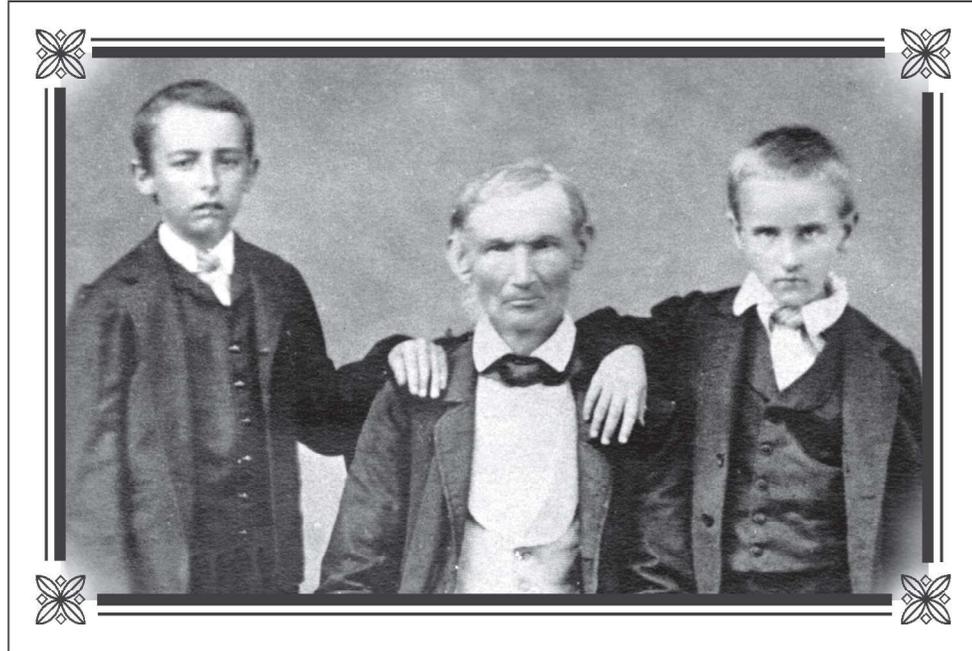
na região, no alto da serra, no Itamarati. As famílias Sattler, Gross, Jung e Mueller originam-se destes primeiros habitantes.

O decreto imperial de 1843 encarregou o mesmo Major Koeler do planejamento e construção de um palácio e de uma vila nas terras da Fazenda Imperial do Córrego Seco. E assim, além do próprio Koeler e sua família, outros profissionais e artífices alemães que já residiam no Rio mudaram-se para a serra, trazendo sua colaboração pioneira: Frederico Damcke, seu auxiliar direto, Teodoro Marx, arquiteto que projetou a Casa dos Semanários, hoje o Palácio Grão-Pará, os comerciantes João Meyer e Cristóvão Schaeffer e os artífices Teodoro Grote e João Gottlieb Kaiser, entre outros.

Porém, a idéia de um núcleo colonial alemão, só surgiu quando as obras iam se desenrolando. Koeler continuava tendo dificuldades com a mão-de-obra e como sua experiência anterior na reforma da estrada tinha sido bem sucedida, entrou novamente em contato com o governo provincial pedindo que fossem contratados colonos alemães categorizados profissionalmente.

Embora o governo já viesse há algum tempo promovendo a vinda de colonos para trabalhar nas obras públicas da província, os entendimentos eram sempre demorados e as firmas agenciadoras nem sempre confiáveis. Em 1844, no governo de Aureliano Coutinho, firmou-se um contrato com a firma Delrue, de Dunquerque na França para o aliciamento de imigrantes. Sem especificar nacionalidade, exigia-se apenas que fossem artífices: carpinteiros, ferreiros, pedreiros etc. e que se entendesse por família, o casal e filhos, no máximo. A intensa propaganda na região da Renânia alemã despertou o interesse de seus habitantes que atravessavam, na época, séria crise

breuer.brunner.buehler.buhl.bumb.burger.capalo.castor.christ.dahlem.debald.deister.delvo.dengler.deroche.deubert.diehl.dietrich.dietz.



econômica. Entretanto, na tradução, Delrue havia modificado os termos do contrato, tomando por família, também consanguíneos e idosos. Além disso, foi esquecido o controle de profissionais. E assim, para abrir ruas e estradas e levantar casas e pontes vieram do mesmo modo pedreiros, agricultores, músicos, pasteleiros, alfaiates e confeitores.

Trazido pelo navio *Virginie*, o primeiro grupo formado apenas por 12 ou 14 famílias totalizando 161 pessoas desembarcou no porto do Rio de Janeiro a 13 de junho de 1845. Haviam-lhes prometido, além do trabalho acertado, terras para cultivo, sementes e ferramentas. As famílias, porém, eram constituídas de muitas crianças e idosos, trazendo poucos braços aptos para o trabalho. A Província não sabia o que fazer com eles. Foram então encaminhados para a Fazenda Imperial onde Koeler os empregaria nos trabalhos de construção e ao mesmo tempo, deveria promover seu assentamento. Desta forma, foi criada de imediato, a Imperial Colônia de Petrópolis. As primeiras famílias chegaram a Petrópolis no dia 29 de junho de 1845 e esta foi apenas a primeira leva de uma série de treze que totalizaram 2338 alemães trazidos entre junho e novembro do mesmo ano.

Dizemos que os colonos eram alemães mais por causa da língua que falavam do que por exatidão histórica. O Império Alemão só foi criado em 1870. Na época da imigração o que existiam eram ducados: Prússia, Baviera, Wurtemberg, Baden, Hesse-Darmstadt e Nassau. A maioria dos colonos foi arregimentada na Renânia, que pertencia à Prússia e nos grão-ducados de Hesse e Nassau, na região compreendida entre os rios Mosel e Rhein.

doerscheid.dohm.dorr.dupont.dupré.ebeling.eberhardt.ebertz.echternacht.eckardt.eiffler.einsfeld.elbert.emmel.engelmann.eppelsheimer.

Ao traçar os planos para os prazos que seriam arrendados na Fazenda Imperial, Koeler os havia distribuído pelos vales formados pelos rios, traçando os caminhos a serem abertos acompanhando seus cursos naturais. Ao ser criada a Colônia, agrupou os prazos em “Quarteirões” aos quais deu nomes das cidades e regiões de onde se originavam seus futuros habitantes. Assim, denominou-os Presidência, Darmstadt, Woerstadt, Bingen, Ingelheim, Nassau, Mosela, Westfália, Siméria, Renânia, Worms, Castelânea e Palatinato. Eis aí a origem dos nomes dos principais bairros de Petrópolis.

O colonos tornaram-se foreiros, recebendo prazos de terra para construir suas casas e para cultivo. Eram, porém, mão-de-obra indispensável para o trabalho da construção do palácio, de armazéns e de pontes e na abertura de ruas e estradas, aplainando elevações e fazendo cortes nos morros.

A adaptação foi penosa. Todos colaboravam em mutirão para abrir picadas e clareiras na mata onde cada família pudesse construir seus precários abrigos. Usavam pedras e paus, que podiam encontrar nos locais, em construções tipo enxamel. Só depois da instalação de uma grande serraria e de olarias particulares, tornou-se mais fácil construir melhores habitações. Não que as anteriores fossem menos resistentes. Uma delas, na Castelânea, pertencente à família de Ana Elisabeth Mayworm, resiste até hoje e abriga o Museu do Colono.

Enquanto duraram as construções, quer do palácio, quer da cidade ou das mansões dos futuros veranistas, não faltou trabalho para os colonos. Eles, porém, perceberam desde o início como seria difícil depender só da agricultura em solo e clima tão adversos. O cultivo acabou restrito a

eppinghaus.erber.esch.espenschied.essinger.ev.exel.faber.faulhaber.fecher.feldmann.finkennauer.firmes.fischer.flaeschen.flesch.fliess.



pequenas lavouras de sobrevivência, hortas e pomares de onde tiravam frutos e verduras para sua alimentação e dos animais que criavam.

Depois da morte de Koeler em novembro de 1847, o trabalho nas obras sofreu uma grande desaceleração e muitos colonos ficaram desempregados. Alguns venderam suas terras e partiram em busca de lugares mais promissores, mas os que ficaram logo demonstraram sua operosidade. Ficaram para trabalhar como lenhadores ou nas serrarias; hábeis artesãos, desenvolveram trabalhos em madeira e ferro; com a criação de vacas, produziam laticínios; as poucas frutas cultivadas em seus quintais, vendiam-nas frescas ou delas faziam doces; de suas hortas tiravam hortaliças que forneciam para hotéis e pensões; faziam pães e biscoitos que logo se tornaram famosos. Nos seus lotes apertados entre o rio e as encostas faziam pocilgas para porcos e criavam galinhas. Garantiam assim a subsistência dos Quarteirões e abasteciam a Vila Imperial com enorme variedade de produtos caseiros: queijos e manteiga, bolos, doces e pães e cucas além de, é claro, lingüiças e salsichas.

Em poucos anos, pequenas indústrias artesanais se formaram e logo várias fábricas de cerveja entraram em funcionamento.

Quando falamos em herança alemã, logo pensamos em cerveja e salsicha. Embora marcantes, sem dúvida, estes não foram os mais importantes legados que os colonos nos deixaram. Na implantação e desenvolvimento de Petrópolis, tornaram-se exemplos de operosidade e determinação. Nas obras que deixaram, ficou a marca do cuidado e respeito às condições naturais do local, aliados à perfeição na execução das coisas mais simples, do delicado rendilhado nas

franz.friedrichs.gabelmann.gabrich.gall.gehren.geoffroy.georg.gerhard.gietz.gimpel.glassow.goehl.goeller.goettbauer.goetz.gorges.

varandas dos chalés ao modelo europeu do calçamento de paralelepípedos das ruas. Trabalhadores honestos e caprichosos, logo imprimiram seu padrão de qualidade como tecelões e operários ou proprietários das diversas indústrias que aqui existiram. Se o trabalho era levado muito a sério, a diversão também não era esquecida. Afinal, ninguém é de ferro!

Sociedades recreativas e musicais como a Sangerbund Eintracht, a Petropolis Verein e a Harmonia Mosenthal, que sobrevivem até hoje, promoviam bailes e piqueniques nas datas festivas e após um dia estafante de trabalho nada podia cair melhor que uma tradicional cerveja.

Hábitos que nos foram legados há tantos anos e nos relembram sempre nossas raízes ancestrais. E assim, voltando ao início, vamos falar de cerveja primeiro.